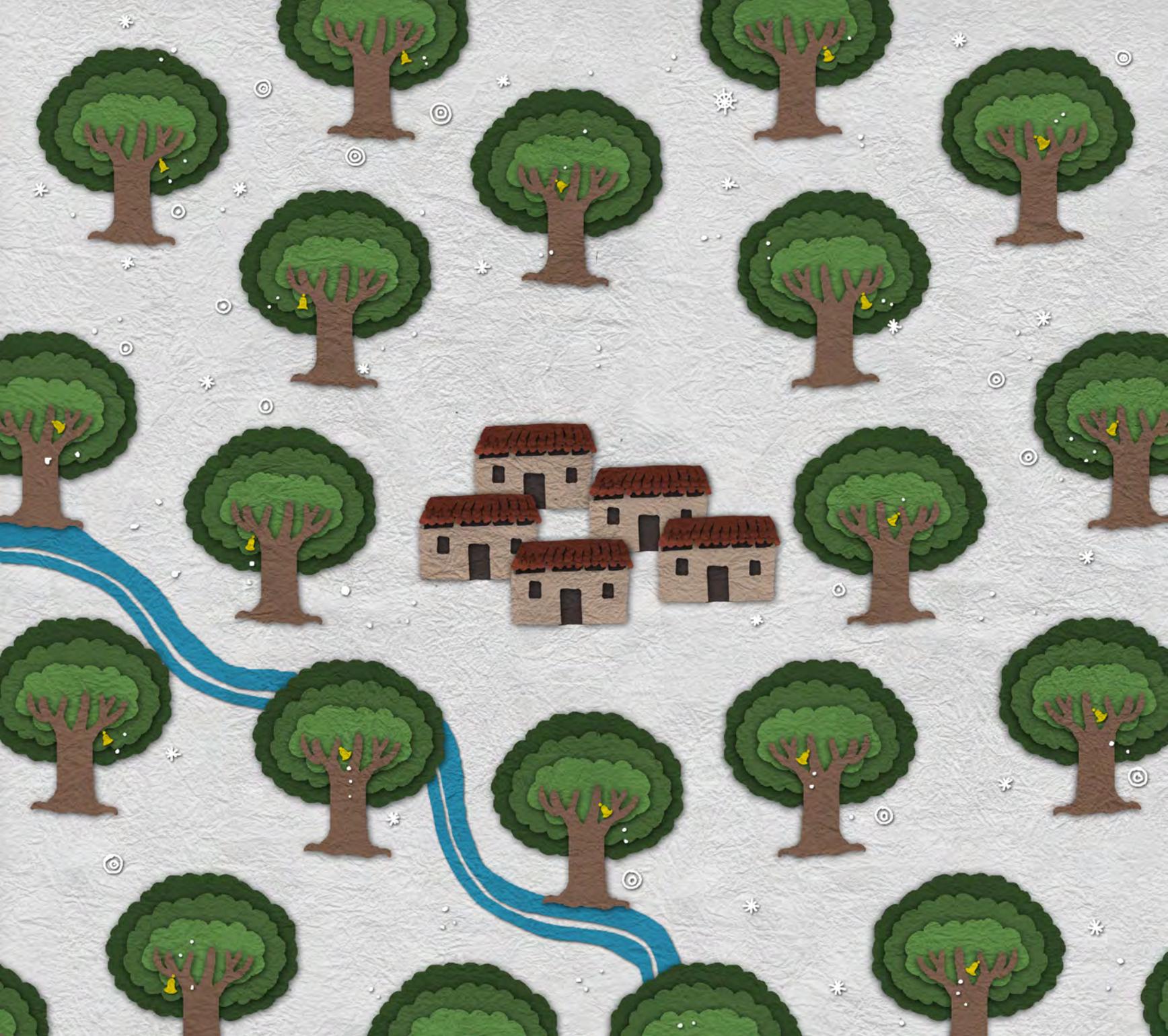




ROCÍO
E O
BOSQUE DOS SINOS



ROCÍO E O BOSQUE DOS SINOS

Autoras:

- Iliana Monzerath Liconá Leiva,
- Mónica Alexandra Torres Rojas y
- Lissy Mariela Rodríguez Villalvir

Ilustrações:

Martanoemí Noriega

Design gráfico:

Arleth Rivera

ISBN:

978-99979-0-951-0



Agradecimento

O ParlAmericas estende sua gratidão às instituições e organizações que contribuíram com suas ideias para o desenvolvimento desta história:



Sobre as autoras e o Programa Impacto Legislativo Jovem Honduras

As autoras deste livro participaram do Impacto Legislativo Jovem Honduras, um programa organizado pelo Congresso Nacional, pelo ParlAmericas e pelo Foro de Mulheres Políticas de Honduras em 2022, com o objetivo de capacitar e fortalecer a liderança política emergente de jovens hondurenhas interessadas em promover a igualdade de gênero, a inclusão social e a participação cidadã em seu país.

Iliana Monzerath Licona Leiva

Originária de La Ceiba, Atlântida, Iliana tem 23 anos e está comprometida com o fortalecimento da democracia, da igualdade de gênero e dos direitos humanos. Recém-formada em relações internacionais, com experiência na sociedade civil e em organizações internacionais, ela atualmente estuda direito na Universidade Tecnológica Centro-Americana e trabalha na Comissão Nacional de Direitos Humanos. Durante sua vida estudantil, ela se destacou por sua liderança e conquistas acadêmicas, presidindo a associação de estudantes de seu curso em 2020 e formando-se com a distinção Magna Cum Laude. Entre suas realizações, também fez parte da equipe técnica do Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD em Honduras como assistente de pesquisa, em que também colaborou para o desenvolvimento de propostas de políticas públicas a partir da perspectiva da juventude.





Mónica Alexandra Torres Rojas

Natural de Tegucigalpa, filha de mãe hondurenha e pai nicaraguense, Monica tem 26 anos e é apaixonada por questões ambientais, de gênero e pela recuperação do Estado de Direito. Ela se formou com louvor em Sociologia pela Universidad Nacional Autónoma de Honduras e atualmente é membro ativo da Rede Hondurenha por Escazú e da Articulação Cidadã pela Transparência e Justiça. Seu compromisso e dedicação resultaram na apresentação de trabalhos de pesquisa em âmbito nacional e internacional. Suas áreas de interesse e especialização abrangem uma ampla gama de tópicos, incluindo a situação socioambiental em Honduras, a mobilidade humana, a luta contra a violência de gênero e o estudo da economia informal.

Lissy Mariela Rodríguez Villalvir



Natural de San Pedro Sula, Lissy tem 24 anos e é apaixonada por serviços, fortalecimento da democracia, cooperação e sustentabilidade. Formada em relações internacionais, atuou como chefe de Missões de Observação Eleitoral no âmbito nacional e internacional. Com ampla experiência em participação cidadã, supervisão social e cooperação internacional, foi premiada pelo Instituto Interamericano de Direitos Humanos em 2021. Atualmente, atua como Diretora-Executiva da Fundación Padrino e é profissional de Relações Públicas da Diálisis de Honduras. Durante sua vida estudantil, destacou-se por presidir a associação de RI, conseguindo criar o primeiro modelo das Nações Unidas da UNITEC SPS e tendo como resultado diferentes espaços para os jovens desenvolverem propostas de incidência e participação cidadã no âmbito nacional.



O **ParlAmericas** é a organização formada pelos 35 parlamentos nacionais da América do Norte, Central, do Sul e do Caribe que facilita o intercâmbio de boas práticas desenvolvidas nos diferentes parlamentos da região. O ParlAmericas também produz publicações para apoiar os parlamentares em seu trabalho de criar leis, monitorar o trabalho do governo (o poder executivo), avaliar a distribuição do orçamento público e a representação inclusiva das e dos cidadãos, sem deixar ninguém para trás.

A Secretaria Internacional do ParlAmericas está sediada em Ottawa, Canadá.



In partnership with

Canada

Este livro foi possível graças ao generoso apoio do Ministério de Assuntos Globais do Governo do Canadá por meio do ParlAmericas.





Entre árvores gigantes

e procurando bem em um mapa, ao redor de uma paisagem impressionante, estava a aldeia de Akoapa.

Os habitantes da aldeia de Akoapa não precisavam de um relógio para saberem a hora, pois os pássaros lhes avisavam quando o sol nascia e os outros animais antecipavam a hora do almoço quando vinham beber das águas do rio. Também não precisavam de um calendário para reconhecerem a estação do ano. Eles sabiam que, quando o rio ficava maior, era por causa das chuvas de inverno e quando ficava menor era por causa do calor do verão.

Nesse pequeno vilarejo de muitas cores e sons,

vivia Rocío, uma criança muito curiosa que adorava conversar. Akoapa era o lar de sua família há muitas gerações e ela o amava.



Todo início de verão,
Rocío ia para o rio de manhã cedo.
Rocío adorava mergulhar no rio
e explorar a floresta que circundava o rio.

Mas em um verão as coisas estavam diferentes.

Os pássaros não cantavam com a mesma alegria e os animais não apareciam para beberem de suas águas. O calor era sentido com mais intensidade e Rocío viu sua mãe preocupada.

- O que acontecerá com as plantações, os tomates e os pepinos?
- Suspirava a sua mãe.

Os suspiros de sua mãe a fizeram ir até o rio e ela decidiu investigar. Mas, ao chegar lá, percebeu que o rio não era o mesmo que ela conhecia.

- Como isso é possível, pensou consigo mesmo.

Ela se preocupou com os tomates de sua mãe, que não teriam água suficiente para crescerem e com os animais, que agora teriam de procurar água em outro lugar. Alarmada, ela disse em voz alta:

- Será que nós também teremos de procurar outra casa?





precisamos fazer alguma coisa!

De repente, ela olhou em volta e notou um remo ao seu lado. Era o remo de seu amigo Martin, o melhor aluno de sua classe. Seu amor pelos estudos era algo que Rocío admirava. Ele não gostava apenas de ir à escola: também conhecia o rio e a floresta como ninguém, pois andava por eles todos os dias com seus pais quando iam pescar, como haviam feito com seus avós.

Ao longe, Rocío o viu olhando para o rio com um rosto assustado e decidiu caminhar em sua direção. Com um olhar, compartilharam o mesmo pensamento:

– O que podemos fazer? – Perguntou Martín.

Durante as férias, Martín aproveitava a oportunidade para se juntar à família e coletar muitos peixes para a aldeia, mas este ano os peixes também tinham ido para outro lugar.

– Não se preocupe, Martin, juntos investigaremos.

Eles se afastaram do rio e, onde antes havia árvores com copas grossas e frondosas que os protegiam dos raios solares, perceberam que podiam ver mais do céu do que o normal.

– Há algo muito diferente aqui! Antes havia mais árvores!

Então Pepe, o gambá do rio, apareceu:

– Pepe, por onde você andou? Não tenho visto você à tarde, perguntou Rocío.

Então Pepe disse a eles:

– Vocês se lembram da grande árvore, ali onde eu nasci, onde vivia com a minha família? Essa grande árvore desapareceu, foi cortada e agora nós teremos de buscar outra casa.



O pinheiro onde viviam os pica-paus, o âmbar líquido onde se fazia chá, o ipê que alegrava os moradores com suas folhas amarelas, não estão mais lá.

- Se eles continuarem cortando as árvores, perderemos nosso Rio
exclamou Martín.

— O que isso tem a ver com o assunto?, perguntou Juan, aparecendo atrás de uma árvore.

Uma árvore balançou com o vento e o rosto de um velho sábio surgiu da casca:

— É verdade. Eu vivo aqui há 300 anos. Como guardiões deste vilarejo não só proporcionamos casas, como a do Pepe, mas também ajudamos a manter limpo o ar, proporcionamos remédios, mas também evitamos que o rio se seque. Nossas raízes impedem que a terra se mova, o que ajuda a que a água não derrame.

Enquanto conversavam com a velha árvore, viram Margarita aproximando-se muito triste, carregando um balde quase vazio.

— O que há de errado, pequena? - Perguntou Pepe.

— Como de costume, hoje de manhã fui ao poço buscar água e, quando cheguei lá, vi uma fila muito grande. Esperei até chegar a minha vez e, adivinhe só, quase não havia mais água! - disse ela preocupada - Se ficarmos sem água, não sei o que faremos...



Rocío convidou seus amigos para irem até sua casa para debaterem ideias para lidarem com a situação. Quando eles chegaram, sua mãe os recebeu e eles foram para o jardim. Martín tirou um caderno de sua mochila para fazer anotações e sugeriu:

– E se plantássemos mais árvores? Poderíamos fazer isso com o que aprendemos na aula de ciências sobre plantar sementes.

– Sim, mas elas levam muito tempo para crescer, disse a mãe de Rocío enquanto lhes servia melancia fresca de sua horta, e acrescentou: Além de plantarmos novas árvores, também devemos cuidar das que ainda estão conosco!

– Então, precisamos encontrar uma maneira de protegermos as árvores que estão na floresta, disse Juan.

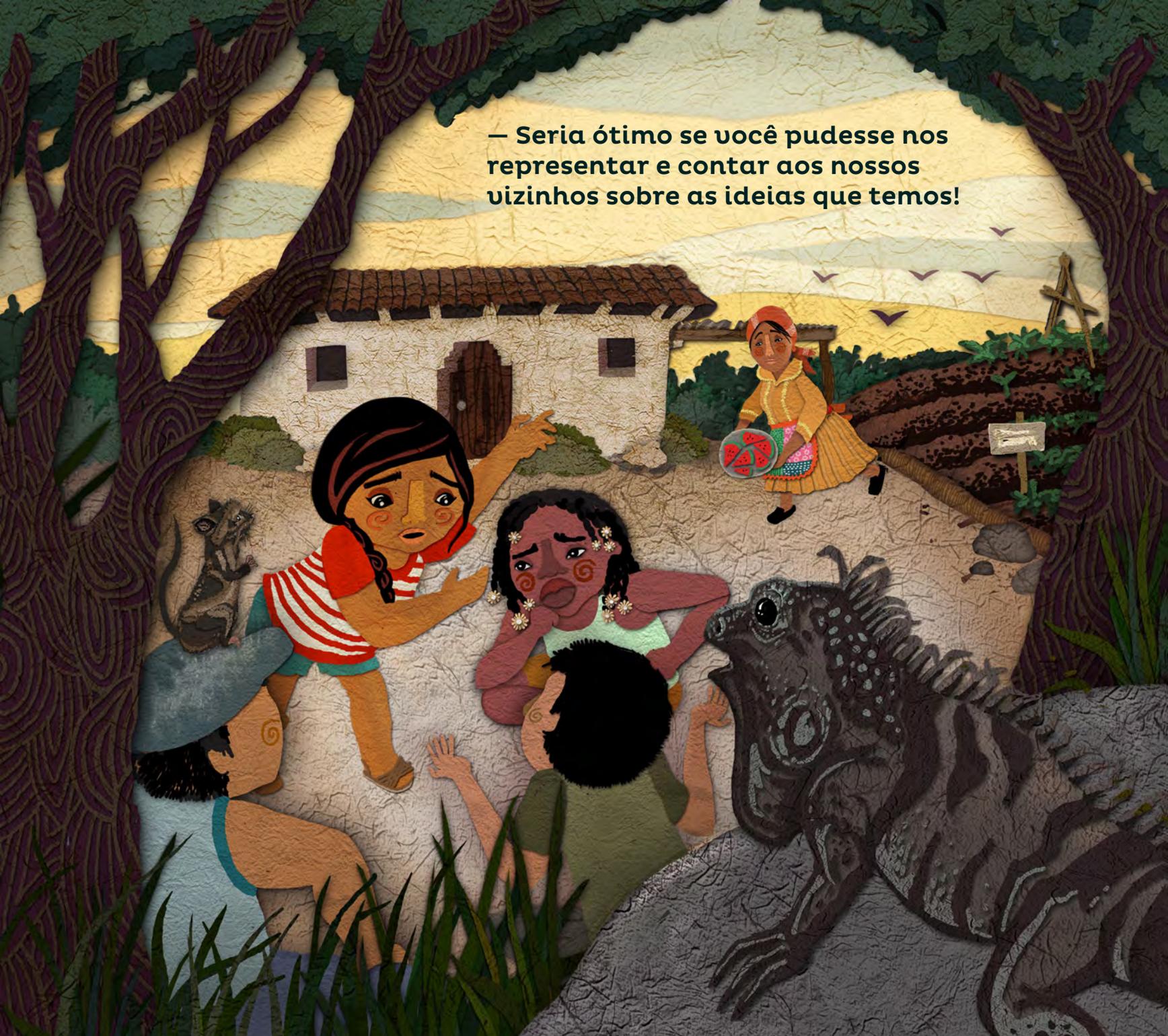
– Mas não se trata apenas das árvores, também temos de cuidar da água, explicou Pepe.

– E se começássemos a coletar a água da chuva, sugeriu Margarita.

– Vocês têm ideias muito boas, exclamou a mãe de Rocío - mas não conseguirão fazer isso sozinhos. Não se esqueçam de que “a união faz a força”. Seria bom envolvermos a comunidade para que possamos trabalhar todos juntos.

Martín propôs então reunir os vizinhos de Akoapa na praça:

— Seria ótimo se você pudesse nos
representar e contar aos nossos
vizinhos sobre as ideias que temos!



— Eu não posso fazer isso! Gosto de conversar, mas com meus amigos, não na frente de toda a cidade! Sinto muito por vocês!

— Akoapa precisa de nós, exclamou Margarita - Nós vamos estar com você e vamos ajudá-la a praticar!

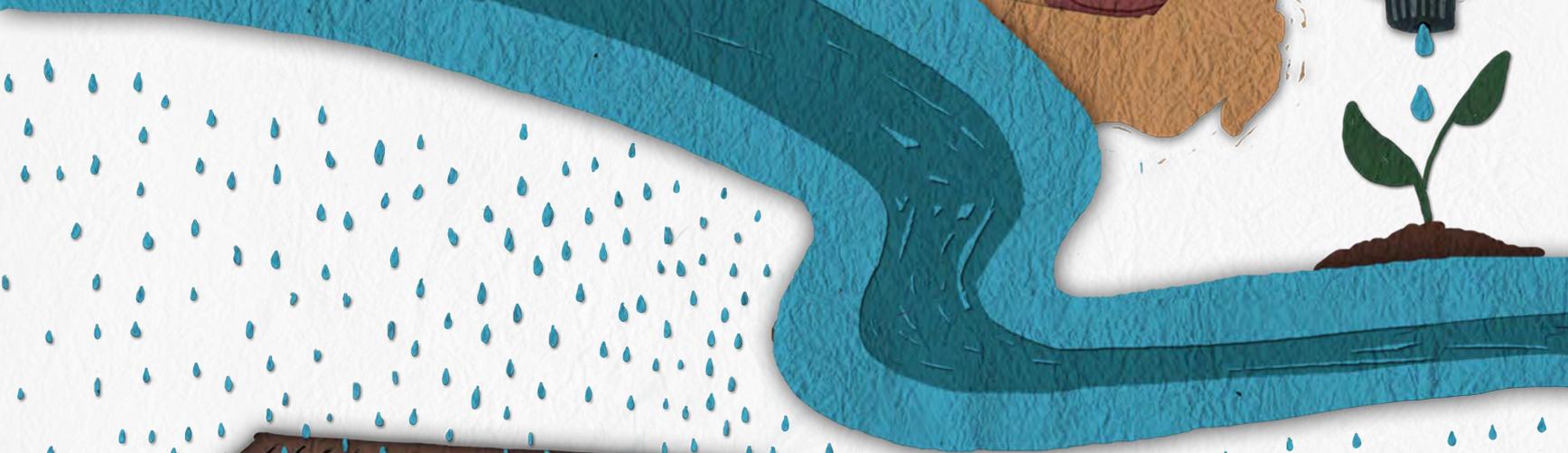
— Ah, eu sei, minha irmã mais velha participou do Congresso Infantil no ano passado, ela pode nos ensinar a apresentar nossas ideias, exclamou Juan.

Depois de vários dias de prática com seus amigos, seguindo os conselhos que a irmã de Juan havia lhe ensinado, chegou o dia. Alguns dos vizinhos de Akoapa estavam reunidos na praça para conversarem. Rocío subiu em uma cadeira para que pudessem vê-la melhor e começou a explicar timidamente e com voz trêmula por que era um problema para a aldeia que o rio estivesse cada vez mais baixo e que houvesse menos árvores na floresta. Mas, vendo os rostos confusos de todos, Rocío não pôde continuar falando e pediu a Martín que continuasse contando o que eles haviam investigado.

— *As crianças estão certas,
precisamos proteger nossos recursos,*
exclamou a professora Laura.

— Bem, eu ainda tenho água, embora menos do que antes, disse o seu Jorge, que tinha um campo de abacaxis.





— Não sabemos quem está cortando as árvores, disse outro vizinho.
Mas o que podemos fazer é ajudar a conservar a água.

Devemos ser mais cuidadosos com seu uso!

A conversa continuou por algum tempo. Alguns vizinhos reconheceram o problema e outros não se preocuparam.



Com o passar dos dias, vários membros da comunidade decidiram agir: alguns coletaram água da chuva, outros descobriram outras maneiras de irrigarem suas plantações usando menos água.

Mas na floresta as árvores ainda estavam sendo cortadas para a obtenção de pedaços e o rio ainda estava baixo. Agora todos os moradores concordaram que era hora de se reunirem novamente.

Ao chegarem à reunião, Rocío percebeu que todos pareciam desapontados. Mas ela estava determinada a ajudar a resolver o problema e acreditava no poder de sua comunidade e de sua própria voz. Depois de ouvir as opiniões de vários vizinhos, Rocío decidiu tomar a palavra. Dessa vez, ela respirou fundo para acalmar os nervos antes de contar sua ideia:

— *Essas árvores estão em Akoapa muito antes de nós, assim como o rio. Temos de fazer outra coisa!*

Que tal amarrar um sino em cada árvore?



— Sim, para que possamos ouvir quando quiserem cortá-las, exclamou um vizinho que estava entusiasmado com a ideia.

— Vou pedir ajuda ao Pepe e aos nossos amigos da floresta, disse Juan.

Todos acharam que era uma boa ideia. Eles decidiram começar na área em que Pepe, o gambá, vivia.





Com seu conhecimento da floresta, Martín e sua família lideraram a expedição, com a ajuda de todos os pássaros e pequenos animais que conseguiam subir nas árvores. Durante o dia, todos os habitantes de Akoapa, jovens e idosos, participaram para pendurarem um sino em cada árvore da área.

— Nenhuma árvore pode ficar sem um sino,
disse Rocío.

À noite, quando a lua mal se refletia no rio, os sinos podiam ser ouvidos. Alarmados, aqueles que queriam cortar as árvores se assustavam e saíam correndo da floresta. O som dos sinos avisava ao povo de Akoapa que entrava na floresta para se certificarem de que as árvores estavam seguras.





Com o passar dos dias, espalhou-se a notícia da floresta com sinos em cada árvore e a história de como a comunidade de Akoapa havia se organizado. Muitos acharam curiosa a criatividade com que eles conseguiram salvar seu lar. Essa conquista chegou aos vilarejos vizinhos, e vários deles decidiram fazer o mesmo, até que o que era uma simples ideia se tornou um movimento, que eles chamaram de



“Sinos de Akoapa”.

Algumas semanas depois, a deputada Ixchel decidiu visitar Akoapa para conhecer os seus protagonistas. Chegando de manhã cedo, ela começou a perguntar quem tinha tido a ideia. Ela conversou com muitos vizinhos, adultos e crianças, e percebeu que todos concordavam em uma coisa:

o segredo tinha sido o trabalho em equipe da comunidade.

Ao meio-dia, Rocío e seus amigos acompanharam a deputada pela floresta para lhe contar como a ideia funcionava e tudo o que haviam aprendido sobre a importância de cuidar da natureza. Eles também compartilharam sua preocupação com ela: perceberam que a floresta era enorme e que, infelizmente, nunca conseguiriam colocar sinos em todas as árvores da região.



Depois de ouvi-los e inspirada pelos esforços da comunidade, a deputada viajou para a capital para se reunir com seus colegas deputados e propor uma lei para que se

*declarasse a floresta de Akoapa
uma área protegida.*

Na aldeia, toda a comunidade se reuniu quando soube da notícia. Rocío e seus amigos decoraram a praça e se prepararam para receberem as pessoas de todas as aldeias vizinhas que vieram para celebrar.





Na floresta, as árvores dançaram ao ritmo de uma leve brisa. Desta vez, os sinos tocaram, mas com alegria. Era a melodia de uma comunidade que tinha feito história.

Din, don, dan...

O vento sopra
e os sinos estão tocando...
Comemorando o movimento,
e a unidade Cidadã.





ROCÍO E O BOSQUE DOS SINOS

info@parlamericas.org

www.parlamericas.org

@ParlAmericas

